

# Margarida Calafate Ribeiro, Francisco Noa *Memória, cidade e literatura*

Alice Giroto

Università Ca' Foscari Venezia, Italia

**Resenha de** Ribeiro, M. Calafate; Noa, F. (orgs) (2019). *Memória, cidade e literatura. De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo*. Porto: Edições Afrontamento, 225 pp.

O volume *Memória, cidade e literatura. De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo*, organizado por Margarida Calafate Ribeiro e Francisco Noa, é o resultado – patente logo a partir do título – de parte do trabalho desenvolvido por dois projetos de investigação decorridos na última década no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra («De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo. Capitais coloniais em tempos pós-coloniais», o primeiro; «Memoirs. Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias», o segundo). Se o caráter urbano das literaturas africanas de língua portuguesa, e nomeadamente da angolana e da moçambicana, é um elemento ressaltado pelo menos desde o ensaio de 1984 de Salvato Trigo «Literaturas africanas de expressão portuguesa: um fenómeno de urbanismo» – aliás mencionado pelos organizadores do volume e por vários autores –, já a reunião num único produto editorial de reflexões e estudos sobre as representações literárias das capitais das duas principais ex-colónias portuguesas em África parece ser uma abordagem ligada às exigências dos referidos projetos de investigação. Com efeito, o único critério agregador dos textos prende-se com o facto de Luanda e Maputo serem «cidades que se inter-relacionam pela longa presen-



**Edizioni**  
Ca' Foscari

Submitted  
Published

2021-09-15  
2021-12-20

**Open access**

© 2021 | Creative Commons Attribution 4.0 International Public License



**Citation** Giroto, A. (2021). Review of *Memória, cidade e literatura* by Calafate Ribeiro, M. and Noa, F. *Il Tolomeo*, 23, 359-364.

ça colonial portuguesa» (40) embora, como salientado nos ensaios de Calafate Ribeiro e de Rita Chaves, o alcance das representações textuais das duas capitais seja bastante desigual, e pouco comparável seja o papel que essas desempenham nos sistemas literários dos respetivos países.

Depois duma breve apresentação por parte dos organizadores, o volume abre-se com uma entrevista da jornalista Sandra Inês Cruz a José Luandino Vieira («Luanda, a cidade e toda a vida»), escritor angolano que «se chama a cidade que é a sua» (15). Mais do que pela usual alternância de pergunta e resposta, a entrevista estrutura-se como um fluxo de recordações do escritor, agora a viver em Portugal, organizado em secções que ecoam os títulos das suas obras («Velhas histórias» para *Velhas estórias*, «No antigamente» para *No antigamente, na vida*, «A vida verdadeira da cidade» para *A vida verdadeira de Domingos Xavier* etc.). Emergem, para além de categorias já muitas vezes utilizadas e, de facto, clássicas na análise da Luanda literária, e não só da das obras de Luandino – a cidade da infância, a cidade-país – duas figuras retomadas pelos dois ensaios dedicados, no livro, à capital angolana: a Luanda-projeto político e a Luanda organismo vivo caracterizado por contradições e tensões, «uma cidade que escapa desde sempre à leitura fácil» (20) e às lógicas impostas pelos poderes que tentam governá-la, sejam estes externos ou internos. Em «A Luanda da escrita. Cidade e literatura», Tania Macêdo atualiza o seu estudo de 2008 sobre o mesmo tema (e quase com o mesmo título) falando da «multiplicidade contraditória» que estrutura e marca a «contemporaneidade algo agressiva e periférica» (173) da capital angolana; uma cidade de papel que, em obras como *O desejo de Kianda* de Pepetela e *Os transparentes* de Ondjaki, chega a ser destruída pelos efeitos das ações de poderes devoradores, levando até a uma consequência extrema a tradicional ‘imageabilidade’ da oposição entre colonizadores e colonizados inscrita no urbanismo contraposto de Baixa e *musseque*, separados pela ‘fronteira do asfalto’. Interessante é a menção conclusiva à cidade sonora e aos seus intérpretes (os *rappers* Phay Grand, Ikonoklasta e Keita Mayanda), enquanto imprecisa resulta ser a útil tabela sobre os *musseques* referidos em livros de contos angolanos entre 1950 e 1980. O ensaio de Phillip Rothwell, «A arquitetura do poder na representação da cidade de Luanda em Pepetela», parte da questão clara da esmagadora presença da capital angolana, em relação ao resto do país, no imaginário nacional para, primeiro, reformulá-la, atribuindo esta primazia à posição que a cidade tem no imaginário do MPLA (algo evidenciado também por Macêdo), e depois demonstrar a utilidade da análise da ficção de Pepetela a este respeito. Evidencia-se, mais uma vez, o carácter anárquico, de «independência caótica» (190) e de «caos informal» (197) da cidade como forma de resistência e rebeldia contra um poder, o do partido no governo desde a independência, o qual,

longe de qualquer utopia outrora proclamada, acabou por replicar o molde de oposições binárias, na distribuição de desigualdades e privilégios, próprio do regime colonial.

À cidade de Maputo são dedicados três capítulos do volume. «A transição urbana de Lourenço Marques para Maputo (1961-1976)» é um comprido estudo de Nuno Simão Gonçalves (autor também das fotografias que enriquecem o livro) que reconstrói de maneira pormenorizada o desenvolvimento urbanístico da capital de Moçambique entre a última década do domínio colonial português e o primeiro ano de vida da nação independente. Valendo-se de fontes históricas como o plano de urbanização redigido pela câmara de Lourenço Marques em 1970, diários e revistas da época (*Tempo, Notícias, Notícias da Beira*), atos parlamentares e legislativos e um relatório da PIDE-DGS, Gonçalves descreve o clima de alienação dos habitantes da ‘cidade de cimento’ para com as condições de vida degradantes dos moradores do *caniço*, contrastado pelas tentativas de crítica e conscientização levados a cabo por alguns intelectuais, como o arquiteto Pancho Guedes e o psiquiatra José Luís de Sousa Sobrinho, e por associações de trabalhadores ‘nativos’; a reação do regime salazarista a tais denúncias das assimetrias urbanas, suscetíveis de alimentar os sentimentos e as revoltas anticolonialistas analogamente ao que já tinha acontecido em Angola, sob a forma da chamada ‘acção psicossocial’; o esforço por parte da FRELIMO, mais tarde fracassado, de abrir uma frente na cidade e a guerrilha urbana que se seguiu à Revolução dos Cravos em Portugal, ao lado do êxodo maciço de colonos que esvaziou a cidade de cimento; as promessas utópicas de resolução das carências urbanas dos subúrbios por parte da nova ordem política e as dificuldades, quando não as contradições, em torná-las realidade, já que

Quarenta e cinco anos passados desde a revolução, ainda são bem visíveis na capital de Moçambique os legados coloniais no espaço urbano. (125)

Pontuam a reconstrução histórica as referências literárias aos poetas Noémia de Sousa e José Craveirinha - vozes de denúncia, nos anos da luta pela independência, das desigualdades gritantes sofridas pelos habitantes do *caniço* - e ao romance *Crónica da Rua 513.2* de João Paulo Borges Coelho. Este último é objeto de análise, ao lado de outras obras do mesmo autor e de outros ao longo da história recente da literatura moçambicana, no capítulo de Nazir Ahmed Can «De penúria em penumbras. Figurações de Maputo no romance moçambicano». Os romances considerados por Can, muitas vezes em contraluz do caso angolano, constroem um imaginário de Maputo como cidade infernal, que não chega a tornar-se referente simbólico da nação:

Lido por redução, e não por expansão, por via de um olhar exterior que se recusa (ou não consegue) se envolver com os lugares e que se restringe à informação acerca da miséria de um universo maldito, o subúrbio desempenha uma função menos estética do que moral. (146)

Em «Do subúrbio colonial ao subúrbio global. A encruzilhada de imaginários na literatura moçambicana», Francisco Noa traça uma trajetória que desde a poesia de José Craveirinha, instituidora do subúrbio da Mafalala como território onde se origina o resgate dos africanos colonizados e por isso «fatalmente irmanados na privação e na provação» (163), chega aos contos de Aldino Muianga, nos quais a posição de charneira do subúrbio entre o campo e a cidade projeta e dilui na segunda os valores identitários ainda fortemente ancorados, em Moçambique, no primeiro. O ensaio de Noa tem o mérito de lembrar, por um lado, a dimensão continental do papel fundacional das periferias urbanas para com as identidades nacionais africanas:

[p]ela sua localização, origem e dinâmicas, o subúrbio é o lugar que, em África, superiormente concorreu para a gestação das elites e das transformações que determinaram o advento das nações-estado saídas das multi-seculares malhas coloniais. (165)

Por outro lado, como aliás antecipado pelo título, evidenciam-se as diretrizes globais da dualidade subúrbio-cidade, derivada da lógica colonial e que todavia a ultrapassa:

as correlações das territorialidades passaram, hoje, de uma dimensão colonial a uma dimensão global, em que os territórios dominantes se deslocaram, se travestiram, mas mantiveram a sua essência: o pendor hegemónico. Os outros permaneceram, afinal, já não na periferia da cidade, mas nas orlas do planeta. (166)

A fazer de coroa às leituras focadas numa ou noutra capital são os três ensaios comparativos de Margarida Calafate Ribeiro, Rita Chaves e Roberto Vecchi. O primeiro, «Os mapas das cidades e as letras que as escrevem - de Luanda e de Maputo», apresenta uma panorâmica histórica sobre os «projetos literários iminentemente políticos» que escolheram as cidades «como um dos palcos da afirmação da desigualdade» (37), partindo das dinâmicas sociopolíticas e culturais das duas capitais desde a sua fundação até à véspera da luta anticolonial, passando pela literatura colonial ambientada na 'cidade branca', a prosa do *musseque* em Angola e a denúncia da segregação na literatura pré-independência em Moçambique, e chegando à cidade encenada na literatura pós-independência, mesmo que este seja um tempo sobre o qual ainda pairam interrogações por responder e «ta-

bus e fantasmas» (56) por exorcismar e infringir. Calafate Ribeiro menciona até brevemente o contributo que os artistas visuais estão a dar a esta reflexão. «Cidades em cena na ficção africana. Luanda e Maputo em contraponto» dedica a maioria da sua exposição à representação literária da capital angolana através da análise de *Nós, os do Makulusu* de Luandino Vieira, *Quem me dera ser onda* de Manuel Rui, *O cão e os caluandas* de Pepetela e *Bom dia, camaradas* de Ondjaki, enquanto a de Maputo, cujo «evidente acanhamento» é motivado pela «gênese rural da liderança da FRELIMO» (82) – observação expressa, aliás, também noutros ensaios, sempre com referência aos opostos elos urbanos do MPLA –, se limita à consideração do já mencionado *Crónica da rua 513.2*. Enfim, em «*Genius Loci* e a imprescritibilidade do mito. Arquiteturas simbólicas em tramas urbanas pós-coloniais (Luanda e Maputo)», Vecchi funda a sua reflexão no cruzamento entre o conceito clássico de traço constituinte, ‘carácter’, espírito do lugar das duas cidades e a mitopoiese representada pela escrita literária. Se este dispositivo crítico parece bem sucedido quando aplicado ao caso de Luanda, onde o Kinaxixi exemplifica o embrenhamento entre mitologias pré-coloniais, rastros deixados pela história sob a forma de prédios e monumentos, e ‘ritualizações’ literárias nos textos de Arnaldo Santos, Luandino Vieira e Pepetela, mais uma vez, e de certa forma paradoxalmente, manifesta-se a assimetria em que assenta o inteiro volume, ao dedicar poucas alíneas ao caso de Maputo:

[o] processo define-se por oposição, como vimos, à constituição do Kinaxixi enquanto lugar – aqui, a história naturaliza-se e reinventa-se, alimentando uma arqueologia simbólica que parte da arquitetura do presente e da monumentalidade. (210)

Fecha o livro um brevíssimo posfácio de António Pinto Ribeiro, «Olhar a energia das cidades», onde o autor expressa quais deveriam ser as preocupações e os objetivos da política e da gestão cultural das cidades para que estas sejam capazes de criar fantasias, imaginários, e sobretudo ideias de futuro.

Sem dúvida, *Memória, cidade e literatura. De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo* faz o ponto das elaborações teóricas e críticas das últimas décadas sobre a representação literária das capitais de Angola e Moçambique, trazendo algumas perspetivas inovadoras sobretudo no que se refere à ficcionalização das relações de poder na Luanda pós-independência, à evolução de Lourenço Marques a Maputo em relação também ao seu papel referencial para com a literatura nacional, e à articulação de *genius loci* e mito nos dois contextos urbanos em apreço. Um pouco forçada, porém, resulta a escolha de reunir sob um único (metafórico) céu as multidirecionadas considerações sobre duas cidades que

apresentam mais divergências do que semelhanças nos seus percursos históricos, simbolizações e manifestações estéticas, apesar do destino comum que as irmanou, e aos seus habitantes colonizadores e colonizados, no século XX até à independência de Portugal. Se uma tal reunião se justifica, então, no caso de estudos sobre este período em consideração da ‘pertença’ ao mesmo império colonial, portanto da submissão dos dois territórios ao mesmo poder governativo aplicando lógicas administrativas semelhantes (e daí produzindo reações e dinâmicas culturais pelo menos em parte análogas), desejável seria, em prol da tanto e longamente pregada descolonização do pensamento, ousar para os outros períodos históricos – e refiro-me aqui sobretudo ao pós-independência – abordagens que tomem mais em consideração também as outras forças em campo, restituindo ao continente onde ficam as cidades de Luanda e Maputo e as palavras que tentam representá-las.